



CAPÍTULO 1

QUANDO AS ALMAS HUMANAS SÃO CRIADAS SEGUNDO TOMÁS DE AQUINO

André Ricardo Randazzo Gomes

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, estudarei dois textos de Tomás de Aquino: o primeiro é um capítulo da *Suma Contra os Gentios* e o segundo é um artigo da *Suma de Teologia*¹. O texto da *Suma Contra os Gentios* procura demonstrar, por vários argumentos, que a alma humana começa a existir simultaneamente quando o corpo humano começa a existir, e não antes dele. E o texto da *Suma de Teologia* trata do mesmo assunto, mas de modo bem mais resumido. Dividirei os textos de Tomás em várias partes. Assim, quando se apresentar um texto de Tomás, iniciarei com a marcação: “[**Texto**]”, e quando se apresentar o meu respectivo comentário, iniciarei com a marcação: “[**Comentário**]”. Ao final, indicarei algumas referências bibliográficas que poderão ajudar a entender o assunto deste capítulo. Agora, podemos começar.

QUANDO AS ALMAS HUMANAS SÃO CRIADAS

Capítulo 83 do livro 2 da *Suma Contra os Gentios*: A alma humana começa com o corpo.

[**Texto**] 5. Por esses e outros motivos semelhantes, alguns, que afirmam a eternidade do mundo, disseram que assim como a alma humana é incorruptível, também sempre existiu desde a eternidade. Por isso, os que afirmaram que as almas humanas eram imortais na sua multidão, a saber, os platônicos, disseram que elas também eram eternas, e que ora se unem aos corpos, e que ora deles se separam, sendo sucedida essa mudança segundo o curso de anos determinados. Os que, porém, afirmaram que as almas humanas são imortais segundo uma coisa que de todos os

¹ Usarei os textos em português das seguintes edições dessas obras: AQUINO, Tomás de. *Suma Contra os Gentios. Volume 1*. Tradução de Odilão Moura. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990; AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica. Volume 2*. Coordenação geral de Carlos Josaphat Pinto de Oliveira, OP. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

homens permanece depois da morte, disseram que essa coisa era eterna, quer fosse ela entendida ser o intelecto agente, conforme Alexandre, quer unida ao intelecto possível, segundo Averróis. Parece também que as palavras de Aristóteles querem dizer isso, pois, referindo-se ao intelecto, disse não ser ele apenas incorruptível, como também perpétuo (III *Sobre a Alma* 5, 430a; Cmt 10, 743). Dos que professam a fé católica, alguns, imbuídos da doutrina platônica, seguiram uma via intermediária. Ora, como segundo a fé católica nenhuma coisa é eterna, senão Deus, não afirmaram eles que as almas são eternas. Disseram, não obstante, que elas foram criadas com o mundo, ou melhor, antes do mundo visível e, no entanto, de novo se unem aos corpos. Orígenes é tido como o primeiro, entre os que professaram a fé católica, que formulou essa doutrina, sendo após seguido por muitos. Essa opinião vigora até hoje entre os heréticos, entre os quais também os maniqueus, como Platão, afirmaram que as almas são eternas, e que transmigram de um para outro corpo.

Comentário: vários filósofos sustentaram que a alma humana existe desde a eternidade. Os platônicos disseram que as almas humanas são eternas, pois ora se unem aos corpos, ora separam-se deles, e essa mudança se dá de acordo com o curso de alguns anos. Outros disseram que as almas são eternas porque após a morte permanece nelas uma coisa eterna, seja esta coisa o intelecto agente, como disse Alexandre, seja esta coisa algo unido ao intelecto possível, como disse Averróis. Parece que até mesmo Aristóteles disse que o intelecto é não apenas incorruptível, mas também perpétuo. Outros, que seguem a fé católica, mas são imbuídos da doutrina platônica, adotam uma via intermediária, dizendo que as almas não são eternas, mas foram criadas junto com o mundo. Assim, Orígenes disse isso.

[**Texto**] 6. Ora, pode-se facilmente demonstrar que essas opiniões não se fundamentam na verdade. Que não seja um só intelecto agente e um só intelecto possível para todos, já acima foi demonstrado (cc. 59 e 76). Resta, agora, desenvolver a refutação dessas teses que afirmam haver muitas almas humanas, mas que elas existiram antes dos corpos, quer desde a eternidade, quer desde a constituição do mundo. Parece que essas teses são inconvenientes segundo as razões que serão a seguir expostas. Com efeito, foi acima demonstrado (c. 68) que a alma se une ao corpo como sua forma e ato. Ora, embora o ato seja naturalmente anterior à potência, contudo, em uma mesma coisa, é posterior quanto ao tempo, pois a coisa vem da potência para o ato. Por isso, o sêmen, que é potência para o ser vivo, antecede à alma, que é ato vital.

Comentário: essas opiniões são falsas. Não existe um só intelecto agente e um só intelecto possível para todos, e isso já foi demonstrado antes. Agora será demonstrado que as almas não existem desde a eternidade e nem desde a criação do mundo. A alma é a forma e o ato do corpo, e é assim que ela se une ao corpo. Embora, segundo a natureza, o ato seja anterior à potência, ele é posterior a ela quanto ao tempo, pois no tempo a coisa vem da potência para o ato, e assim o sêmen é anterior à alma quanto ao tempo.

[**Texto**] 7. Além disso, é natural que toda forma se una à sua matéria própria, pois, em caso contrário, o constituído de matéria e forma estaria fora da natureza. Ora, a cada coisa se lhe convém antes o que é segundo a natureza do que o que é fora da natureza. Com efeito, o que convém à coisa fora da natureza, lhe convém acidentalmente, mas o que lhe convém segundo a natureza, lhe inere propriamente. Além disso, o que é por acidente é posterior ao que é por si. Por isso, convém à alma unir-se ao corpo antes que dele se separe. Logo, não foi criada antes de se unir ao corpo.

Comentário: ademais, é natural que a forma se una à sua matéria própria, caso contrário aquilo que é constituído de forma e matéria estaria fora da natureza. Assim, a união da alma com o corpo se dá por si ou essencialmente, e a separação entre eles se dá por acidente. O que se dá por si é anterior ao que se dá por acidente. Logo, a alma não foi criada antes de se unir ao corpo.

[**Texto**] 8. Além disso, toda parte separada do todo está imperfeita. Ora, sendo a alma forma, como foi provado (c. 68), é parte da espécie humana. Logo, existindo em si mesma fora do corpo é imperfeita. Mas o perfeito é anterior ao imperfeito na ordem das coisas naturais. Logo, não convém à ordem natural que a alma fosse antes criada sem corpo do que unida a ele.

Comentário: a parte que está separada do seu todo está imperfeita. Mas a alma é parte da espécie humana, que é um todo. Logo, sozinha, a alma é imperfeita. Mas o que é perfeito é anterior ao que é imperfeito na ordem das coisas naturais. Logo, na ordem natural, convém que a alma esteja primeiro unida ao corpo e não separada dele.

[**Texto**] 9. Além disso, se as almas são criadas sem corpos, deve-se procurar saber como se unem a eles. Ora, isto realiza-se ou por violência ou naturalmente. Se por violência: tudo que é violento é contra a natureza. Logo, a união da alma e do corpo é contra a natureza. Por conseguinte, o homem, que é composto de ambos, é uma coisa não natural, o que é evidentemente falso.

Comentário: se as almas são criadas sem corpos, deve-se explicar por que elas se unem a eles. Então, a união deve se dar naturalmente ou por violência. Se for por violência, encontra-se um inconveniente, pela seguinte razão: o que é violento é contra a natureza, e então a união da alma com o corpo seria contra a natureza, e o homem não seria uma coisa natural, o que é falso.

[**Texto**] 10. Além disso, as substâncias intelectuais são de ordem mais elevada que os corpos celestes. Ora, nos corpos celestes nada se encontra de violento ou de contrário. Logo, muito menos se encontra o violento e o contrário nas substâncias intelectuais. Se, pois, as almas unem-se naturalmente aos corpos, então, na sua

criação elas desejam naturalmente unir-se a eles. Ora, o desejo natural, não havendo impedimento, imediatamente põe-se em ato, como se vê, por exemplo, nos movimentos das coisas pesadas e das leves, pois a natureza opera sempre uniformemente. Logo, as almas seriam imediatamente unidas aos corpos desde o princípio de sua criação, a não ser que houvesse algum impedimento. Ora, toda ação que impede a realização do apetite natural é violenta. Logo, é por violência que as almas estariam por algum tempo separadas dos corpos. Mas isto é inconveniente, quer porque naquelas substâncias não pode haver violência, como se demonstrou, quer porque o violento que é contra a natureza, sendo accidental, não pode ser anterior ao que é natural, nem ao que acompanha toda a espécie.

Comentário: ademais, as almas são substâncias intelectuais, e substâncias intelectuais são mais nobres que os corpos celestes; mas nos corpos celestes não ocorre nada de violento; logo, nas substâncias intelectuais há muito menos razão para ocorrer algo violento. Ademais, quando as almas são criadas, elas desejam naturalmente unir-se aos corpos; mas todo desejo natural se põe em ato imediatamente, desde que não haja nenhum impedimento; logo, as almas se uniriam imediatamente aos corpos quando são criadas, exceto por um impedimento. Se ocorrer um impedimento, isso seria algo violento, e a separação seria uma violência. Porém, o que se dá naturalmente é anterior ao que se dá por acidente ou por violência. Portanto, a união é anterior à separação.

[**Texto**] 11. Além disso, sendo que cada coisa deseja naturalmente a sua perfeição, deve a matéria desejar a forma, e não ao contrário. Ora, a alma está para o corpo como a forma para matéria, como acima foi demonstrado (c. 68). Logo a união da alma e corpo não se realiza pelo desejo da alma, mas, antes, pelo desejo do corpo.

Comentário: a se dizer propriamente, é a matéria que deseja a forma, pois a forma é uma perfeição, e cada coisa deseja naturalmente a sua perfeição. Logo, a união da alma com o corpo se realiza pelo desejo do corpo.

[**Texto**] 12. Porém, se se disser que tanto unir-se ao corpo quanto dele separar-se é natural à alma segundo tempos diversos, parece ser isso impossível. Impossível, porque aquilo que naturalmente varia em relação ao sujeito é accidental, como, por exemplo, a juventude e a velhice. Se, pois, unir-se ao corpo, ou dele separar-se, é variação natural à alma, será accidental unir-se a alma ao corpo. Se for assim, desta união de alma e corpo não resultará um ente por si mesmo, mas por acidente.

Comentário: poder-se-ia propor que unir-se ao corpo e separar-se do corpo é natural à alma segundo tempos diversos. Porém, isso seria impossível. Pois aquilo que varia dessa maneira é accidental, como por exemplo é accidental que uma pessoa seja jovem ou velha. É inconveniente propor que o homem composto de alma e corpo é um ente accidental, e não um ente por si ou essencial.

[**Texto**] 13. Além disso, tudo que está sujeito à mudança segundo a diversidade de tempo é sujeito de movimento celeste, ao qual segue todo o curso do tempo. Ora, as substâncias intelectuais e incorpóreas, entre as quais estão as almas separadas, excedem toda ordem corpórea. Donde não poderem estar submetidas aos movimentos celestes. Logo, é impossível que, em tempos diversos, naturalmente às vezes se unam e, às vezes, separem-se, ou desejem agora isto e depois aquilo.

Comentário: as substâncias intelectuais, como as almas separadas, não estão submetidas ao movimento celeste, ou seja, não estão submetidas ao curso do tempo. Mas, se for dito que as almas às vezes se unem aos corpos e às vezes se separam deles, em tempos diversos, isso seria dizer que elas estão submetidas ao curso do tempo. Portanto, é impossível que isso aconteça.

[**Texto**] 14. Porém, se se afirmar que as almas não se unem aos corpos por violência, nem naturalmente, mas por vontade livre, isto é também impossível. Com efeito, a alma separada está em estado mais elevado do que o de unida ao corpo. Isto vale principalmente para os platônicos que dizem que, pela união ao corpo, a alma esquece-se daquilo que antes conhecia, e se atrasa para a contemplação da verdade pura. Por isso, não se une voluntariamente ao corpo senão por engano. Ora, não pode nela haver causa alguma de engano, porque eles afirmam que ela tem conhecimento de tudo. Nem se pode dizer que o juízo proveniente de conhecimento universal se subverte quanto a uma escolha particular devido às paixões, como acontece nos incontinentes, porque essas paixões não se realizam sem alteração corpórea. Por conseguinte, não podem existir na alma separada. Resta, pois, afirmar que, se a alma existisse antes do corpo, não se uniria a este voluntariamente.

Comentário: se alguém disser que as almas se unem aos corpos não por violência, nem naturalmente, mas por livre vontade, isso também é impossível. Pois, como dizem os platônicos, enquanto a alma está separada, ela tem conhecimento de tudo e não há nela nenhuma causa para se enganar, ao passo que a alma unida ao corpo fica esquecida do que conhecia antes e se atrasa para a contemplação da verdade pura. Portanto, a alma separada não chegaria a ter a vontade de se unir ao corpo, pois tal união a colocaria em um estado inferior.

[**Texto**] 15. Além disso, todo efeito proveniente do concurso de duas vontades não coordenadas entre si é um efeito casual, como acontece, por exemplo, quando alguém pretende fazer uma compra e no mercado encontra o credor com o qual não combinava encontrar-se. Ora, a vontade própria de quem gera, da qual depende a geração corpórea, não tem relação com a vontade da alma separada com a qual queira unir-se. Mas como sem ambas as vontades a união da alma com o corpo não se pode realizar, conclui-se que a união seria casual. E sendo assim, a geração humana não é natural, mas casual. O que é evidentemente falso, porque isto acontece na maioria das vezes.

Comentário: ademais, é impossível que a união da alma com o corpo seja algo casual. Pois o concurso de duas vontades não coordenadas entre si é um efeito casual. Mas se houvesse uma coincidência entre a vontade da alma separada e a vontade do homem gerador, o ser humano gerado seria um efeito casual e não natural. E isso é falso.

[**Texto**] 16. Se, porém, novamente se disser que não é natural nem voluntariamente que a alma se une ao corpo, mas por ordenação divina, também isto não parece ser possível, supondo-se as almas criadas antes dos corpos. Com efeito, Deus instituiu cada coisa segundo o conveniente modo de sua natureza, razão por que é dito no Gênesis, a respeito de cada coisa criada: “Viu Deus que era bom” e, após, a respeito de todas conjuntamente: “Viu Deus todas as coisas que fizera e eram muito boas” (Gn 1,31). No entanto, se criou as almas separadas dos corpos, será necessário afirmar que esse modo de ser é conveniente à natureza delas. Ora, não pertence à ordem da bondade divina reduzir as coisas ao estado inferior, antes, promovê-las a melhor estado. Logo, não teria sido de acordo com a ordenação divina que a alma se unisse ao corpo.

Comentário: se for dito que a união da alma com o corpo se dá por ordenação divina, isso também é impossível. Pois Deus criou todas as coisas segundo o modo mais conveniente para elas. Se Deus tivesse criado as almas separadas dos corpos, este seria o modo de ser conveniente para elas. Porém, a bondade divina não criaria as almas em um estado inferior, mas as criaria no melhor estado. Logo, naquela proposição, a união com o corpo não se daria pela ordenação divina.

[**Texto**] 17. Além disso, não pertence à ordem da sabedoria divina elevar as coisas ínfimas com detrimento das superiores. Ora, na ordem das coisas, as ínfimas são os corpos que são gerados e se corrompem. Logo, não teria sido conveniente à ordem da sabedoria divina, que, para elevar os corpos humanos, unisse a eles as almas preexistentes, porque isto não poderia realizar-se sem detrimento delas, como se desprende do que foi dito.

Comentário: ainda a respeito desta última proposição, deve-se dizer que a sabedoria divina não pretenderia elevar as coisas inferiores, como os corpos, em detrimento das coisas superiores, como as almas. Pois, se as almas fossem criadas sem os corpos e depois fossem unidas aos corpos por ordenação divina, haveria um prejuízo para as almas.

[**Texto**] 18. Considerando isto é que Orígenes, não obstante afirmar que as almas humanas foram criadas desde o princípio, disse que é por ordenação divina que as almas uniram-se aos corpos, mas em castigo delas. Pensou que elas tivessem pecado antes de se unirem aos corpos e, segundo a gravidade do pecado, foram encerradas em corpos mais nobres ou menos nobres, como em cárceres. Mas essa

tese não pode ser sustentada. Com efeito, a pena contraria o bem da natureza, e, por isso, é chamada de má. Se, pois, a união de alma e corpo é penal, não será um bem da natureza. O que é impossível, porque este bem é o que intenciona a natureza, visto que nele termina a geração natural. E ainda se seguiria que o ser homem não seria um bem natural, quando, pelo contrário, é dito no Gênesis, depois da criação da luz, que “Deus viu todas as coisas que fizera e eram muito boas” (Gn 1, 31).

Comentário: Orígenes sustentou que as almas se uniram aos corpos em castigo delas. O castigo teria sido aplicado em razão de elas terem pecado e então, segundo a gravidade do pecado, teriam sido encerradas em corpos como em cárceres. Porém, isso é falso. Pois a união da alma com o corpo é um bem da natureza e não uma punição. O ser humano é a finalidade da geração natural e é uma criatura que Deus disse ser muito boa.

[**Texto**] 19. Além disso, do mal o bem não provém senão acidentalmente. Por conseguinte, se devido ao pecado é que ficou determinada a união da alma e corpo, sendo esta união um bem, sê-lo-á acidentalmente. Por conseguinte, o homem foi feito por acaso. Ora, isso diminui a sabedoria divina, da qual é dito, que “tudo instituiu em número, peso e medida” (Sb 11, 21).

Comentário: se a união da alma com o corpo se devesse ao pecado, então tal união seria um bem acidental e casual. Mas isso não convém à sabedoria divina, que instituiu tudo em número, peso e medida.

[**Texto**] 20. Além disso, tal afirmação contraria expressamente a doutrina católica. É dito, a respeito de Esaú e Jacó, que “não tendo ainda nascido, ou pudesse fazer o bem ou o mal, foi dito que o maior serviria o menor” (Rm 9, 11-12). Logo, antes de ter sido pronunciada esta determinação, as almas deles não fizeram pecado algum, embora isto tenha sido dito após a concepção deles, como se lê no Gênesis.

Comentário: na Sagrada Escritura, lê-se que as almas de Esaú e Jacó não haviam cometido nenhum pecado antes de nascerem.

[**Texto**] 21. Além disso, ao se tratar acima (c. 44) da distinção das coisas, foram apresentadas muitas razões contra a tese de Orígenes, que podem aqui ser reassumidas. Por isso, deixando-as de lado, passemos a outras.

Comentário: as teses de Orígenes já foram refutadas em uma parte anterior desta obra.

[**Texto**] 22. Além disso, é necessário afirmar que a alma humana necessita ou não dos sentidos. Ora, por aquilo que experimentamos se vê claramente que ela necessita dos sentidos porque, quem tem falta de um sentido, não tem conhecimento das coisas sensíveis por ele conhecidas, como, por exemplo, o cego de nascença que não tem conhecimento algum nem intelecção das cores. Além disso, se os sentidos

não são necessários para o conhecimento intelectual, não haveria no homem relação de conhecimento sensitivo e intelectual. Mas, pela experiência, verificamos o contrário. Com efeito, pelos sentidos há em nós as lembranças, das quais nos vem a experiência das coisas, e, mediante esta, chegamos à inteligência dos princípios universais das ciências e das artes. Por conseguinte, se a alma necessita dos sentidos para o conhecimento intelectual, e se a sua natureza em nada falha quanto ao necessário para realizar a própria operação, como, por exemplo, ela dá os órgãos necessários para os sentidos e para os movimentos nos animais possuidores de alma sensitiva e motora, também não teria sido feita a alma humana sem os subsídios indispensáveis aos sentidos. Ora, os sentidos não operam sem os órgãos corpóreos, como se depreende do que acima foi dito (c. 57). Logo, a alma humana não foi feita sem órgãos corpóreos.

Comentário: a questão da união da alma com o corpo está relacionada com a questão da necessidade dos sentidos para o ser humano. Pela nossa experiência comum, podemos ver que os sentidos são necessários. A partir dos sentidos, recebemos o conhecimento das coisas sensíveis, e assim obtemos as lembranças, e a partir delas obtemos a experiência das coisas, e a partir desta experiência chegamos a entender os princípios universais das ciências e das artes. Portanto, a alma necessita dos sentidos para o conhecimento intelectual. A natureza jamais falha quanto às coisas necessárias, e não falharia em fazer a alma humana sem os subsídios necessários que são os sentidos. Os sentidos só operam com órgãos corpóreos; logo, a alma humana foi feita junto com órgãos corpóreos.

[**Texto**] Se a alma humana não necessita dos sentidos para o conhecimento intelectual, e por esse motivo se diz que foi criada sem o corpo, é necessário afirmar que, antes de se unir ao corpo, tinha por si mesma inteligência das verdades de todas as ciências. Isso concederam os platônicos, dizendo que as ideias que são formas inteligíveis separadas das coisas, segundo a doutrina de Platão (*Fédon* 18, 72E), são a causa da ciência. Donde inferir-se que a alma separada, não havendo impedimento algum, recebia o conhecimento pleno de todas as ciências. Convém, pois, dizer que, estando em ignorância ao se unir ao corpo, ficou esquecida da ciência que antes possuía. O que também é afirmado pelos platônicos, e dizem que o sinal disto se vê quando alguém, embora totalmente ignorante, ao ser devidamente interrogado sobre temas tratados nas ciências, responde com acerto. Assim também quando alguém ordenadamente propõe ao esquecido aquilo que este antes sabia, ele se lembra do que havia esquecido. Disto também se concluíra que “aprender nada mais é que recordar”. Assim sendo, desta tese necessariamente se deduz que a união da alma ao corpo traz impedimento para o conhecimento intelectual. Ora, a natureza não acrescenta a coisa alguma algo por meio do qual seja impedida a sua operação própria, mas faz justamente o contrário. Não será, pois, natural a união da alma e do corpo. E o homem não será uma realidade natural, nem será natural a sua geração, o que é evidentemente falso.

Comentário: os platônicos dizem que a alma humana foi criada sem o corpo e, antes de se unir ao corpo, tinha a intelecção das verdades de todas as ciências, ou seja, conhecia as ideias separadas. Assim, a alma não tinha nenhum impedimento e recebia o conhecimento pleno de todas as ciências. Quando se uniu ao corpo, entrou em estado de ignorância e se esqueceu de todo o conhecimento. Mas, se alguém, ignorante, for ordenadamente interrogado sobre os temas tratados nas ciências, responderá com acerto. O mesmo ocorre quando alguém propõe ordenadamente os temas científicos para uma pessoa esquecida, e esta passa a se lembrar do que sabia. Assim, aprender nada mais é que recordar. De acordo com isso, a união da alma com o corpo traz impedimento para o conhecimento intelectual. No entanto, a natureza jamais acrescenta algo que impede a sua própria operação natural. Portanto, na concepção platônica, a união da alma com o corpo não é natural, nem o homem é uma coisa natural, e nem a geração do homem é natural. Mas essa concepção é claramente falsa.

[**Texto**] 23. Além disso, o fim último de qualquer coisa é aquilo que ela forçosamente busca por meio das suas operações. Ora, por todas as suas operações retas e ordenadas o homem se esforça para a busca da contemplação da verdade, pois os atos das virtudes ativas são preparações e disposições para as virtudes contemplativas. Por isso, o fim do homem é atingir a contemplação da verdade. Por esta razão, pois, a alma está unida ao corpo, e assim o homem fica constituído. Por conseguinte, não é porque se une ao corpo que a alma perde a ciência adquirida, mas antes a ele se une para adquirir ciência.

Comentário: o fim último do homem é alcançar a contemplação da verdade. Os atos das virtudes práticas se ordenam aos atos das virtudes especulativas, pelas quais se contempla a verdade. O homem é constituído naturalmente para fazer isso. Portanto, a união da alma com o corpo não traz o esquecimento da ciência que tinha antes, mas, ao contrário, habilita o homem a adquirir ciência.

[**Texto**] 24. Além disso, se for interrogado sobre temas das ciências, quem as desconhece não responderá conforme a verdade, senão quanto aos princípios universais que ninguém ignora, porque são naturalmente e do mesmo modo conhecidos por todos. Porém, interrogado em seguida de maneira ordenada, responderá segundo a verdade sobre o que está próximo dos princípios, referindo-se a esses princípios, e assim sucessivamente, até onde possa explicar a influência dos primeiros princípios naquilo em que foi interrogado. Depreende-se claramente que é causado novo conhecimento pelos primeiros princípios em quem foi interrogado. Logo, não passa a lembrar o que antes sabia.

Comentário: quando alguém, ignorante, é interrogado sobre assuntos das ciências, ele responderá a verdade apenas quanto aos primeiros princípios universais que ninguém ignora, pois estes são conhecidos naturalmente e do mesmo modo por

todos. Em seguida, se tal pessoa for interrogada de maneira ordenada, ela responderá a verdade sobre o que está próximo dos princípios, referindo-se aos princípios anteriores, e assim por diante. E então, o novo conhecimento é adquirido por meio dos princípios anteriores, e não por meio de uma recordação do conhecimento que se tinha antes da união da alma com o corpo.

[**Texto**] 25. Além disso, se a alma tivesse conhecimento natural das conclusões como tem dos princípios, todos estariam concordes quanto às conclusões como estão quanto aos princípios, porque o que é natural é o mesmo para todos. Ora, não há em todos uma só sentença quanto às conclusões, mas só quanto aos princípios. Por isso, é claro que o conhecimento dos princípios nos é natural; não, o das conclusões. Ora, o que não nos é natural adquirimos por meio daquilo que é natural, como também, por exemplo, produzimos pelas mãos os artefatos exteriores. Logo, não há em nós o conhecimento das conclusões, a não ser que seja adquirido a partir dos princípios.

Comentário: todos os homens têm conhecimento natural apenas dos primeiros princípios universais, mas não das conclusões. As conclusões, que não são conhecidas naturalmente, são adquiridas a partir dos primeiros princípios universais e naturais.

[**Texto**] 26. Além disso, como a natureza está sempre ordenada para uma só coisa, naturalmente há para cada potência um só objeto, como, por exemplo, a cor é o objeto da vista; o som, da audição. Por isso, sendo o intelecto uma só potência, lhe é próprio um só objeto, do qual naturalmente e por si mesmo tem conhecimento. Ora, esse objeto deve ser aquilo sob o qual estão compreendidas todas as coisas que são conhecidas pelo intelecto, como, por exemplo, são compreendidas sob a cor todas as cores visíveis por si mesmas. Este objeto não é senão o ente. Por conseguinte, o nosso intelecto naturalmente conhece o ente e todas as coisas que pertencem propriamente ao ente como ente, e neste conhecimento se fundamenta a noção dos primeiros princípios, como este: “Não se pode afirmar e negar simultaneamente”, e outros semelhantes. Por isso o nosso intelecto só conhece naturalmente esses princípios, mas, as conclusões conhece-as mediante eles, como, por exemplo, pela cor a vista conhece os objetos sensíveis comuns e os acidentais.

Comentário: o objeto próprio do intelecto humano é o ente. Sob esse objeto são compreendidas todas as coisas que são conhecidas pelo intelecto. Ademais, sobre o ente se funda a noção dos primeiros princípios, como: “não se pode afirmar e negar simultaneamente”. O intelecto conhece naturalmente o ente e tais princípios, e a partir deles pode adquirir outras conclusões.

[**Texto**] 27. Além disso, o que conhecemos pelos sentidos não veio à alma antes da união com o corpo. Ora, o conhecimento dos próprios princípios nos é causado pelos sentidos, pois, se não tivermos percebido por eles algum todo, não poderemos saber que “o todo é maior que a parte”. Assim também, por exemplo, o cego de

nascimento nada percebe das cores. Logo, nem o conhecimento dos primeiros princípios chega à alma antes da união com o corpo, e muito menos o conhecimento das outras coisas. Logo, não é fundamentada a razão dada por Platão para dizer que a alma existiu antes da união com o corpo.

Comentário: o que conhecemos pelos sentidos não veio à alma antes da união com o corpo. Até mesmo o conhecimento que temos dos primeiros princípios vem dos sentidos, pois pelos sentidos percebemos algum todo, e com isso entendemos o princípio: “o todo é maior que a parte”. Portanto, nem mesmo o conhecimento dos primeiros princípios chega à alma antes da união com o corpo, e muito menos o conhecimento das outras coisas. Logo, Platão errou ao dizer que a alma existiu antes da união com o corpo.

[**Texto**] 28. Além disso, se todas as almas preexistem aos corpos aos quais se uniram, parece ser concluinte que a mesma alma, na sucessão dos tempos, uniu-se a muitos corpos. O que é uma conclusão evidente da tese dos que afirmam a eternidade do mundo. Por conseguinte, se a geração humana é eterna, necessariamente um número infinito de corpos humanos foram gerados e corrompidos em todo o curso dos tempos. Logo, será necessário dizer ou que as almas preexistiram infinitas em ato, se cada alma se une a um corpo, ou que se o número delas é limitado, que as mesmas se unem antes a um corpo, depois a outro. Parece chegar-se à mesma conclusão se se afirma que as almas preexistiram aos corpos, não sendo, no entanto, a geração eterna, pois, mesmo que se afirme que a geração humana não é eterna, contudo, não se pode duvidar de que possa durar indefinidamente segundo a natureza. Com efeito, cada coisa é instituída naturalmente para que, se não houver um impedimento accidental, como foi gerada por outra, também possa gerar outra. Ora, isso seria impossível, se existindo as almas em número finito, uma não pudesse unir-se a muitos corpos. Donde, muitos que afirmam que as almas existem antes dos corpos, afirmaram também o trânsito da alma de corpo a corpo. Ora, isso é impossível. Logo, as almas não preexistem aos corpos.

Comentário: se for dito que as almas existem antes dos corpos aos quais se uniram, então resultam duas teses possíveis: ou existe um número infinito de almas, cada uma unindo-se a um corpo; ou existe um número finito de almas, e então as mesmas almas ora se unem a um corpo, ora a outro. Mas tudo isso é impossível, pois as almas não preexistem aos corpos.

[**Texto**] 29. A impossibilidade de uma alma unir-se a muitos corpos se esclarece da maneira seguinte. As almas humanas não se diferenciam entre si especificamente, mas só numericamente, pois, em contrário, também os homens diferenciar-se-iam também especificamente. Ora, a diferença numérica é segundo os princípios materiais. Logo, é necessário que seja a diversidade das almas assumida de algo material. Não,

porém, como se a matéria fosse parte da própria alma, pois foi acima demonstrado (cc. 50, 51 e 68) que a alma é substância intelectual e nenhuma dessas substâncias tem matéria. Logo, não resta senão afirmar que a diversidade e pluralidade das almas seja assumida segundo a relação com as diversas matérias com as quais se une, no modo acima descrito (cc. 80 e 81). Se, pois, há diversos corpos, é necessário que tenham também diversas almas unidas a cada um. Logo, uma não se une a muitos corpos.

Comentário: a impossibilidade de uma alma unir-se a muitos corpos é explicada da seguinte maneira. As almas humanas não são distintas entre si segundo a espécie, mas apenas segundo o número. A diferença numérica é tomada de princípios materiais. Então, a diferença entre as almas é tomada da diferente relação que cada alma tem com cada matéria com a qual se une. Cada corpo é diferente, e cada alma que se une a um corpo é diferente segundo a diferença de cada corpo.

[**Texto**] 30. Além disso, foi acima demonstrado (c. 68) que a alma une-se ao corpo como forma. Ora, as formas devem ser proporcionadas às suas próprias matérias, porque ambas estão entre si como potência e ato, e ao ato próprio corresponde a potência própria. Logo, a alma não se une a muitos corpos.

Comentário: ademais, a alma é a forma e o ato do corpo. Logo, cada forma deve ser proporcionada à sua matéria própria, assim como cada ato deve corresponder a uma potência própria. Assim, a alma não se une a muitos corpos.

[**Texto**] 31. Além disso, a força do motor deve ser proporcionada ao seu movido, pois não é qualquer força que movimenta qualquer móvel. Ora, a alma, embora não sendo forma do corpo, no entanto, não pode ser dita que não lhe seja o motor, pois distinguimos o animado do inanimado pelo sentido e pelo movimento. Logo, é necessário que segundo a diversidade dos corpos seja também a diversidade das almas.

Comentário: ademais, a alma e o corpo podem ser comparados como o motor e o movido. Assim, não é qualquer motor que movimenta qualquer móvel. Logo, as almas são diversas conforme os corpos são diversos.

[**Texto**] 32. Além disso, nas coisas que são geradas e que se corrompem é impossível reiterar numericamente uma delas por geração, porque, sendo a geração e a corrupção mudanças substanciais, nas coisas em que há essas mudanças não permanece a mesma substância, como permanece nas que mudam de lugar. Ora, se uma alma se une sucessivamente a diversos corpos gerados, voltará o homem numericamente o mesmo pela geração. O que necessariamente se conclui da tese de Platão, que afirmava ser o homem “uma alma revestida de um corpo”. Outras conclusões tiram-se daí, porque, como a unidade da coisa segue-se da forma, como também o ser se segue, necessariamente aquelas coisas cuja forma é uma em número

devem ser uma em número. Logo, não é possível que uma só alma se una a muitos corpos. Donde também concluir-se que as almas não existem antes dos corpos.

Comentário: não é possível que uma mesma coisa seja reiterada numericamente por geração. Pois as mudanças substanciais implicam geração e corrupção, e nelas não permanece a mesma substância. Se uma alma se unisse a corpos diversos que são gerados, o mesmo homem voltaria numericamente pela geração. Platão parece dizer isso, quando diz que o homem é uma alma revestida de um corpo. Uma consequência disso seria que aquilo que tem a mesma forma numérica é a mesma coisa numérica. Por isso, não é possível que uma mesma alma se una a muitos corpos, e nem que as almas existam antes dos corpos.

[**Texto**] 33. Esta conclusão está conforme a fé católica. É dito nos Salmos: “Que criou singularmente o coração deles” (Sl 32,15), porque Deus faz separadamente a alma de cada um, não as criando todas ao mesmo tempo, nem uniu uma a diversos corpos. Donde também ser dito: “As almas dos homens não estiveram desde o início entre as naturezas intelectuais, nem foram criadas simultaneamente”, como sonhou Orígenes (*Livro dos Dogmas Eclesiásticos* 14).

Comentário: nossa conclusão está de acordo com a fé católica, pois na Sagrada Escritura se diz que Deus criou o coração de cada um, o que quer dizer que Deus fez a alma de cada um separadamente, não as criando todas ao mesmo tempo, e nem unindo uma mesma a diversos corpos.

O artigo 3 da questão 118 da Primeira Parte da *Suma de Teologia* pergunta: as almas humanas foram criadas simultaneamente desde o começo do mundo?

[**Texto**] *Em sentido contrário*, diz-se no livro dos *Dogmas Eclesiásticos*: “A alma é criada simultaneamente com o corpo”.

[**Texto**] *Respondo*. Alguns afirmaram que a alma intelectual está unida ao corpo de modo accidental, julgando que é da mesma condição que as substâncias espirituais que não se unem a um corpo. Por isso afirmaram que as almas dos homens foram criadas desde o começo, simultaneamente com os anjos. Essa opinião é falsa. Primeiro, quanto ao fundamento. Se, de fato, fosse somente accidental para a alma estar unida ao corpo, a consequência seria que o homem, constituído por tal união, seria um ente por acidente, ou então que a alma seria o homem. Ora, tudo isso é falso, como já foi provado [q. 75, a. 4]. Ficou também provado que a alma humana não é da mesma natureza que os anjos, por causa da diferente maneira de conhecer [q. 85, a. 1]. O homem, com efeito, conhece por meio dos sentidos e voltando-se para as representações imaginárias [q. 84, a. 6 e 7; q. 85, a. 1]. Portanto, sua alma precisa estar unida ao corpo que é necessário para a operação da parte sensitiva. O que não se pode dizer dos anjos.

Comentário: esse texto é bem claro por si só.

[**Texto**] Segundo, a falsidade aparece no próprio enunciado. Se para a alma é natural estar unida ao corpo, estar sem o corpo seria contrário a sua natureza, sendo que uma alma sem corpo não possuiria a perfeição de sua natureza. Não era conveniente que Deus começasse sua obra pelas criaturas imperfeitas ou por coisas que estão fora da ordem natural. Assim, não criou um homem sem pé ou sem mão, que são partes naturais suas. Portanto, muito menos fez uma alma sem corpo.

Comentário: a opinião é falsa também por uma segunda razão. Pois é natural que a alma esteja unida ao corpo. Se ela não estiver unida ao corpo, este estado seria contrário ao seu estado natural. Ademais, Deus não começaria a sua criação criando coisas imperfeitas ou coisas fora de seu estado natural. Ele não criou o homem aleijado, então muito menos criou a alma sem o corpo.

[**Texto**] Se alguém ainda disser que não é natural para a alma estar unida a um corpo, é preciso indagar a causa porque estão unidas aos corpos. É preciso, pois, dizer que ou isso assim foi feito por sua vontade, ou por outra causa. Ora, não parece conveniente que seja por sua vontade. Primeiro, porque seria uma vontade irracional: se não precisa do corpo, para que lhe estar unida? Se, em vez disso, precisasse do corpo, lhe seria natural estar unida ao corpo, posto que a natureza não falha no que é necessário. Segundo, porque não haveria razão para que almas criadas desde o princípio do mundo, após longo tempo, tivessem vontade de se unir a um corpo agora. De fato, a substância espiritual está acima do tempo, dado que escapa às evoluções do céu. Terceiro, porque pareceria ser por acaso que tal alma esteja unida a tal corpo. De fato, para que tal coisa se desse, seria necessário o concurso de duas vontades, a da alma que desce no corpo e a do homem que gera. Se a alma está unida ao corpo independentemente da vontade e da natureza, é porque lhe foi imposto por uma causa que lhe faz violência, e então ser-lhe-á algo penoso e triste, o que é conforme com erro de Orígenes, que afirmou que as almas se encarnam como pena do pecado. Portanto, como tudo isso é inconveniente, é preciso admitir absolutamente que as almas não são criadas antes dos corpos, mas simultaneamente quando são infundidas nos corpos.

Comentário: se alguém afirmar que não é natural que a alma esteja unida a um corpo, é preciso explicar por que a alma se encontra unida ao corpo. Então, seria preciso dizer que isso acontece pela vontade da alma, ou por alguma outra causa. Porém, não pode ser pela vontade da alma. Primeiro, porque seria uma vontade irracional, pois a alma não precisa do corpo; se precisasse, seria natural que esteja unida a ele. Segundo, porque não haveria razão para as almas, criadas no início do mundo, terem após longo tempo a vontade de se unir a um corpo agora, pois a substância espiritual nem está submetida ao passar do tempo. Terceiro, a união da

alma com o corpo seria casual, pois para tal união ocorrer seria necessário o concurso de duas vontades, a da alma e a do homem gerador. Ademais, se a alma não se une ao corpo por sua vontade e nem naturalmente, seria por violência, como uma punição. Orígenes afirmou isso, que as almas se unem ao corpo em castigo pelo pecado. No entanto, tudo isso é inconveniente, e é preciso admitir que as almas não são criadas antes dos corpos, e sim simultaneamente quando são infundidas nos corpos.

[Texto] Primeira objeção. Com efeito, diz o livro do Gênesis (2,2): “Deus descansou de toda a obra que fizera”. Ora, isso não seria assim se Deus a cada dia criasse novas almas. Logo, todas as almas foram criadas simultaneamente.

[Texto] Quanto à primeira, portanto, deve-se dizer que Deus cessou no sétimo dia, mas não de toda obra: “O meu Pai até agora está trabalhando” (Jo 5,17), mas de fazer novos gêneros e novas espécies de coisas, que de alguma maneira não preexistiam nas primeiras obras. Assim as almas que agora são criadas preexistiam segundo a semelhança da espécie nas primeiras obras, entre as quais a alma de Adão foi criada.

Comentário: na Sagrada Escritura se diz que Deus cessou de criar novos gêneros e novas espécies de coisas, mas ele ainda hoje cria almas individuais segundo a semelhança da espécie das primeiras obras, como por exemplo a alma de Adão.

[Texto] Segunda objeção. Além disso, as substâncias espirituais são as que mais concorrem para a perfeição do universo. Portanto, se as almas fossem criadas simultaneamente com os corpos, a cada dia inumeráveis substâncias espirituais seriam acrescentadas à perfeição do universo. Desse modo, o universo teria sido imperfeito no começo. Ora, isso contraria a afirmação do Gênesis (2,2): “Deus terminou toda a sua obra”.

[Texto] Quanto à segunda, deve-se dizer que à perfeição do universo, quanto ao número dos indivíduos, pode-se cada dia acrescentar algo, mas não quanto ao número de espécies.

Comentário: quando Deus criou o universo, o universo era perfeito quanto ao número de espécies, mas não quanto ao número dos indivíduos, que continuam a ser criados a cada dia.

[Texto] Terceira objeção. Ademais, o fim de uma coisa corresponde a seu começo. Ora, a alma intelectiva permanece após a decomposição do corpo. Logo, começou a existir antes dele.

[Texto] Quanto à terceira, deve-se dizer que a alma permaneça sem o corpo acontece pela decomposição do corpo, consequência do pecado. Não era conveniente, portanto, que Deus comesçasse suas obras por isso. Porque, como está escrito no

livro da Sabedoria (1,13-16): “Deus não fez a morte; mas os ímpios, por gestos e palavras, a introduziram”.

Comentário: Deus criou a alma unida ao corpo, e a decomposição do corpo se dá em razão do pecado. Tal decomposição não pode ser uma razão conveniente para que a alma seja criada sem o corpo.

CONCLUSÃO

Para finalizar, eu gostaria de indicar algumas partes de livros que poderão ajudar a compreender a doutrina de Tomás de Aquino sobre quando as almas humanas são criadas. No livro de Robert Pasnau (*Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002), não há uma seção dedicada a esse assunto específico, mas há três capítulos sobre a alma e sua união com o corpo: o primeiro (“Body and soul”), o segundo (“The immateriality of soul”), e o terceiro (“The unity of body and soul”). No livro de George Klubertanz (*The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953), também não há uma seção dedicada a esse assunto específico, mas há dois capítulos sobre a alma e sua união com o corpo: o décimo terceiro (“The human soul”) e o décimo quarto (“Human nature: A systematic summary”). E no livro de Robert Brennan (*Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941), pode-se ver o capítulo 12 (“The soul of man”), seção 7 (“Time of the human soul’s origin”).

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *Suma Contra os Gentios. Volume 1*. Tradução de Odilão Moura. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica. Volume 2*. Coordenação geral de Carlos Josaphat Pinto de Oliveira, OP. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

BRENNAN, Robert E. *Thomistic psychology: A philosophic analysis of the nature of man*. New York: The Macmillan Company, 1941.

KLUBERTANZ, George P. *The philosophy of human nature*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1953.

PASNAU, Robert. *Thomas Aquinas on human nature: A philosophical study of Summa theologiae 1a 75-89*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.